

IV - As ameaças extremas

O planeamento da defesa dos Estados Unidos tem sido por muito tempo dominado por duas contingências extremas. A primeira é um ataque convencional massivo contra a Nato pelo Pacto de Varsóvia. Orientado fundamentalmente para se apoderar da Europa Ocidental. A segunda, mesmo mais apocalíptica, é um ataque nuclear soviético sem contrangimentos contra forças estratégicas dos USA e outros objectivos militares no Ocidente, muitos dos quais estão localizados nas ou perto das cidades. A primeira hipótese não deixa a qualquer aliado a oportunidade de optar pelo não envolvimento e a segunda não deixa aos Estados Unidos qualquer incentivo para agir com constrangimento.

Muitos responsáveis da Nato vêem uma ligação crucial entre as duas extremas eventualidades. No caso de um ataque convencional pelo Pacto de Varsóvia, eles projectam uma defesa convencional da Aliança apoiada pela ameaça de uso de arma nuclear. Enquanto o resultado das campanhas convencionais afectaria com certeza, os termos para terminar a guerra, estes responsáveis não esperam que essas campanhas sejam decisivas para parar um ataque Soviético. O que ao fim e ao cabo contam para deter a invasão e tornar possível uma paz em termos aceitáveis para a Aliança, é o medo Soviético do alargamento permanente da guerra nuclear. Eles vêem a perspectiva de uma "troca nuclear" - uma que destruiria tanto a União Soviética como Estados Unidos - como a última possibilidade da Nato na defesa contra um ataque convencional. Em última análise então, a dissuasão contra um massivo ataque convencional é a mesma que contra um completo ataque nuclear. Uma estratégia que depende desta "troca nuclear" tem sérias limitações. Quanto muito é útil sómente para lidar com estas contingências extremas. Uma concentração excessiva nestas contingências desvia os estrategas de defesa de tentar lidar com muitas importantes e de longe mais plausíveis situações nas quais ameaças de aniquilação nuclear não seria crível.

Confrontações apocalípticas entre os Estados Unidos e a União Soviética são certamente concebíveis na era nuclear, mas são

muito menos prováveis do que outras formas de conflito. Mesmo quando forças Soviéticas entram noutros países, os dirigentes Soviéticos indicam provavelmente que os seus objectivos são limitados. Eles tentam comportar-se de modo a dar ao Ocidente uma possibilidade para o constrangimento e prudência. Nos últimos 40 anos, o regime Soviético não tem dado sinais de gravitar no sentido de jogadas tudo ou nada, preferindo em vez disso fazer progressos através de avanços sucessivos e progressivos, abaixo do limiar em que uma guerra nuclear seria possível.

Certamente algumas situações continuam sem ser postas à prova. A agressão soviética não conduziu ainda ao combate entre forças Soviéticas e americanas. Não podemos estar certos sobre o que aconteceria em tais conflitos, como por exemplo, um provocado por uma invasão Soviética da região do Golfo Pérsico. O resultado da invasão seria provavelmente determinado por combates no ar, em terra e no mar enquanto a ameaça manter-se-ia em segundo plano, funcionando como um monitor distante e uma lembrança a ambos os lados da necessidade de comedimento.

Nos últimos 40 anos, o regime Soviético não mostrou quaisquer sinais de gravitar no sentido de jogadas para tudo ou nada.

A Aliança precisa obviamente de planear para as contingências extremas. Mas dar-lhes demasiado ênfase pode deixar-nos despreparados para outros e mais prováveis ^{formas} de agressão. O ataque convencional massivo à escala mundial pela União Soviética é frequentemente caracterizado como "o pior cenário" e muitos assumem que se nós podemos defender contra tais ataques, então certamente podemos controlar "casos menos abrangentes". Tal forma de raciocinar pode induzir-nos em erro. Um ataque geograficamente limitado poderia explorar vantagens que os soviéticos ganham a partir das suas próprias linhas internas de Comunicação. Eles poderiam aproximar-se de um ou mais aliados dos Estados Uni

dos fracamente defendidos enquanto forneceriam incentivos de não envolvimento para aqueles não atacados. O ataque não apareceria como um caso menor, mas como um caso totalmente diferente, de alguma forma de muito mais difícil tratamento.

Ênfase em ataques massivos Soviéticos conduz à visão de túnel entre os as estratégias de defesa. Partindo da ideia de que qualquer ataque atingiria rapidamente a escala mundial e necessariamente envolveria a maior parte nos nossos aliados, os planejadores têm negligenciado o problema da falta de unidade da Aliança num ataque selectivo (o problema de não envolvimento). Não têm dado atenção suficiente à nossa perspectiva de explorar as tensões dentro do Império Soviético (dando aos este - europeus algumas razões para pensar em optar pelo não envolvimento). Têm dado demasiado relevo à guerra na frente central da Europa, onde a ameaça para usar a arma nuclear poderia ser mais verosimil e têm negligenciado planejar para a possibilidade de ataques Soviéticos nos flancos, na Norega ou Turquia.

Porque estão de tal maneira arreigadas no pensamento tradicional acerca da defesa, as contingências extremas também envolvem decisões a um nível mais profundo. Elas fornecem um quadro conceptual inadequado para as decisões do Pentágono sobre as prioridades de defesa, exigências para os sistemas de armamentos ou critérios para controle de armas.

O papel dominante das contingências extremas tornou-se particularmente viciado quando elas foram metidas no mesmo saco em debates públicos com certas outras ideias sobre a dissuasão nuclear. Estas ideias tornaram-se dominantes no Oeste nos fins dos anos 60. A ideia de fundo: Que as forças nucleares dos Estados Unidos e da União Soviética poderiam ser envolvidas numa relação de "estabilidade" na qual "mútua dissuasão" tornaria completamente impossível qualquer guerra entre os dois lados. Não poderia haver guerra porque guerra conduziria inevitavelmente ao uso de armas nucleares o que significaria a